



## IMPACTOS SÓCIO-CULTURAIS NA EDUCAÇÃO DE FRONTEIRA EM RORAIMA

Lopes, Tatiana Silva <sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo busca apresentar os Impactos Sócio-Culturais tendo a educação de fronteira como o objeto focado. No âmbito da educação as diferenças também se explicitam com cada vez maior força e desafiam visões e práticas profundamente arraigadas no cotidiano escolar. A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo. Defende a posição de que as diferenças são constitutivas, intrínsecas às práticas educativas e atualmente é cada vez mais urgente reconhecê-las e valorizá-las na dinâmica das escolas de Roraima. São elencados aspectos históricos, sociais, culturais que compõem essa região de fronteira e também a população que ali vivem em um deslocamento contínuo ou permanente.

**Palavras chaves:** Roraima, Fronteira, Escolarização.

**Abstract:** This article seeks to present the impacts Partners-Cultural having border education as the focused object. Under the education differences also explain with increasing strength and challenge deeply held views and practices in everyday school life. The dominant school culture in our educational institutions prioritizes the common, uniform, homogeneous. Takes the view that the differences are constitutive, inherent in educational practices and is currently increasingly urgent to recognize them and value them in the dynamics of Roraima schools. They are listed historical, social, cultural aspects that make this border region and also the people who live in a continuous or permanent displacement.

**Key words:** Roraima, Border, Schooling.

---

<sup>1</sup> Secretária Executiva, Professora do IFRR, Mestranda no Programa Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM.  
[tatianaslopes@gmail.com](mailto:tatianaslopes@gmail.com)

## Introdução

Esse artigo busca compreender como se estabelece a relação educação/cultura/fronteira e quais são os impactos instituídos nesta relação no contexto educacional da cidade que agrega importantes biomas.

Considerando que o estado de Roraima é rico na confluência de raças e etnias, buscamos investigar a influência educacional que matem uma relação de proximidade nas práticas cotidianas.

A educação é o foco da pesquisa, visto que estes saberes tradicionais são fundamentais para a agregação de valor e sentido na identidade sócio-cultural dos povos que permeiam está relação.

Além disso, o conhecimento já obtido sobre o processo de expansão e universalização do ensino na região da Venezuela e Guiana, países na fronteira com o Brasil, comprovaram o acerto da busca de uma análise totalizadora que envolva Brasil e as cidades de Puerto Ordaz – VEN e Lethem-GUY, posto que o movimento histórico-social em curso diz respeito a toda a região da fronteira. Este mesmo processo, contudo, também permitiu que visualizássemos algumas especificidades existentes na educação brasileira, permitindo certo avanço em relação a este objetivo inicialmente proposto pela pesquisa.

A educação no estado de Roraima, a localização da instituição na capital do Território foi uma das motivações para desenvolver a hipótese de que a História da Educação no Brasil nas regiões de fronteira é marcada por preocupações de natureza estratégica. Ainda, o próprio desenvolvimento da instrução pública foi um componente desta concepção na medida em que estabelece um processo de reprodução da aprendizagem da língua e da história nacional.

Ao se referir aos espaços fronteiriços, ressalta Cardoso de Oliveira “vale considerar, no que diz respeito ao processo identitário, que se trata de um espaço marcado pela ambigüidade das identidades, um espaço que, por sua própria natureza, abre-se à manipulação pelas etnias e nacionalidades em conjunção” (2000: 17). Acrescenta Cardoso de Oliveira, examinando o caso de etnias indígenas situadas em áreas de fronteira, “quanto à nacionalidade, como uma segunda identidade, é claro que ela será instrumentalizada de conformidade com situações concretas em que os indivíduos ou os grupos estiverem inseridos, como a de

procurarem assistência à saúde, à educação dos filhos ou uma eventual proteção junto a forças militares de fronteira: seriam casos típicos de manipulação de identidade junto a representantes dos respectivos Estados nacionais” (Cardoso, 2000: 17).

## 1. Diferenças Culturais e Processos Educativos: Incorporando a Perspectiva Intercultural

Nos últimos anos, a discussão sobre as diferenças culturais nas práticas pedagógicas vem se afirmando. Nesta perspectiva, os primeiros aspectos que são necessários esclarecer se referem aos conceitos de cultura e diferença nos quais este trabalho se baseia.

No que diz respeito ao sentido do termo cultura, certamente polissêmico e complexo, assumo a perspectiva privilegiada por Velho (1994, p.63) quando afirma:

Hoje em dia *cultura* faz parte do vocabulário básico das ciências humanas e sociais. O seu emprego distingue-se em relação ao senso comum no sentido que este dá às noções de homem *culto* e *inculto*. Assim como todos os homens em princípio interagem socialmente, participam sempre de um conjunto de crenças, valores, visões de mundo, *redes de significado* que definem a própria natureza humana. Por outro lado, *cultura* é um conceito que só existe a partir da constatação da diferença entre nós e os outros.

A fronteira é o lugar do encontro e do desencontro do outro, é o lugar onde se confrontam diferentes grupos humanos com suas formas de ser, suas visões de mundo, suas humanidades. Ela é um lugar de conflito. No Brasil, é o conflito social a característica mais relevante para defini-la, segundo José de Souza Martins (2009).

Nesse conflito,

(...) a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os ditos civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro da fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história. Por isso, a fronteira tem sido cenário de

encontros extremamente similares aos de Colombo com os índios da América: as narrativas das testemunhas de hoje, cinco séculos depois, nos falam das mesmas recíprocas visões e concepções do outro”. (Martins, 2009, p.133 e 134).

Nessa dimensão da fronteira, as cercas já não se fixam e avançam apenas pelos territórios geográficos, mas se constroem também naqueles sujeitos que se movimentam e a atravessam ou naqueles que, estando na fronteira, por ela são atravessados. São cercas que estabelecem a linha divisória da cultura e da natureza e que dividem filosoficamente, material e violentamente o humano do não humano.

## **2. O Território Federal de Roraima: Uma Fronteira**

Roraima é um estado relativamente novo e sua localização geográfica apresenta características peculiares de uma região de fronteira na Amazônia. Faz parte da tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e República Cooperativa da Guiana. Compõe juntamente com os estados do Pará, Amazonas, Acre, Rondônia, Amapá, Tocantins, parte do Maranhão e Mato Grosso, a Amazônia Legal, resultado da Lei nº 1.806, de 06 de janeiro de 1953.

O povoamento e desenvolvimento da região amazônica foram incentivados pelos governantes de forma que culminou na divisão de extensas regiões para formação dos territórios federais. Estas unidades federativas foram dotadas de estruturas pensadas estrategicamente para serem agregadas à nação, cujo objetivo era fixar os habitantes na região. Essas estratégias estariam ligadas à intenção de estimular o desenvolvimento da fronteira agrícola a fim integrá-la produtivamente ao setor industrial que estava em ascensão. Além disso, a estratégia de desenvolvimento da fronteira consistia em organizar uma estrutura funcional que pudesse acomodar um grande número de pessoas deslocadas de outras regiões do país para ocupar o “vazio demográfico” imaginado.

Desta forma, a administração do Território Federal foi sendo implantada com estrutura voltada para a ocupação do extremo Norte. Foram doados lotes de terras e incentivado a vinda de agricultores e pecuaristas para esta região com atrativos de doações como lotes de terra e recursos para o plantio. Com isto e outros fatores socioeconômicos ocorridos no País, à mobilidade populacional no Território foi

crescente necessitando de uma estrutura educacional que desse suporte à formação profissional da população. Neste sentido, a organização do ensino começou a ser mais direcionada a partir 1945, quando foi criada a Divisão de Educação.

No Território houve os três tipos de ocupação. A dirigida porque houve um planejamento, por parte de governantes tanto local quanto central, para a fixação de pessoas nas áreas do território. A espontânea porque houve deslocamento de pessoas e famílias de diversas partes do país sem um planejamento prévio ou apoio governamental. E, ainda, a fronteira burocrática por parte dos prestadores de serviços em diversas áreas, incluindo profissionais na área de educação.

### **3. Diferenças e Processos Educacionais: Diversas Aproximações**

A construção dos estados nacionais latino-americanos supôs um processo de homogeneização cultural em que a educação escolar exerceu um papel fundamental, tendo por função difundir e consolidar uma cultura comum de base eurocêntrica, silenciando ou invisibilizando vozes, saberes, cores, crenças e sensibilidades.

A conhecida pesquisadora argentina Emilia Ferreiro (2001) se expressa sobre esta questão e, referindo-se ao contexto latino-americano e à dificuldade da escola pública dos nossos países, desde o início de sua institucionalização, de trabalhar com as diferenças, afirma:

A escola pública, gratuita e obrigatória do século XX é herdeira da do século anterior, encarregada de missões históricas de grande importância: criar um único povo, uma única nação, anulando as diferenças entre os cidadãos, considerados como iguais diante da lei. A tendência principal foi equiparar igualdade à homogeneidade. Se os cidadãos eram iguais diante da lei, a escola devia contribuir para gerar estes cidadãos, homogeneizando as crianças, independentemente de suas diferentes origens. Encarregada de homogeneizar, de igualar, esta escola mal podia apreciar as diferenças. Lutou não somente contra as diferenças de língua, mas também contra as diferenças dialetais da linguagem oral, contribuindo assim, É indispensável instrumentalizar didaticamente a escola para trabalhar com a diversidade. Nem a diversidade negada, nem a diversidade isolada, nem a diversidade simplesmente tolerada. Também não se trata da diversidade assumida como um mal necessário ou celebrada como um bem em si mesmo, sem assumir seu próprio dramatismo. Transformar a diversidade conhecida e reconhecida em uma vantagem pedagógica: este me parece ser o grande desafio do futuro (apud Lerner, 2007, p.7).

Quanto às contribuições da sociologia da educação, introduzem a discussão sobre as relações entre as variáveis socioeconômicas e os processos educacionais, concretamente sobre os determinantes do fracasso escolar. As diferenças de classe social adquirem neste contexto especial importância. Em relação com esta dimensão, às contribuições da chamada “nova sociologia da educação”. Segundo Moreira (2007, p.1)

#### **4. Regiões de Fronteira: Venezuela e Guiana Inglesa**

O isolamento que até há pouco tempo atrás obstava o desenvolvimento de Roraima, parece estar sendo revisado pelo atual governo, que busca parceria para integração econômica e infra-estrutural com países vizinhos (Venezuela e Guiana). Contudo, a população demanda políticas intra-urbanas que apresentem soluções para a atual que, por seu turno, não é atendida em sua totalidade com saneamento e aparelhos urbanos básicos. Mesmo com um certo declínio, o ritmo de crescimento populacional na última década apresentou-se maior que a média nacional, o que permite inferir que este quadro deve-se repetir durante a década subsequente, principalmente com relação à população urbana (Colina, 1997, p.1).

O problema do relativo crescimento populacional de Roraima não somente atrelado à pressão sobre os recursos, mas sobre a oferta de serviços e infraestrutura de forma equânime no território. Vale reforçar que, em ambientes de fronteira, a o crescimento populacional gera impactos maiores não pela sua dimensão ou pobreza somente, mas também pela inexistência de alternativas estruturais para minorar as alterações provocadas pela ocupação no ambiente.

O interesse econômico de particulares e a ineficiência do poder público em áreas de fronteira impossibilitam a sustentabilidade social, provocando um movimento maior para áreas ainda não devastadas que serão seguidas pelo desenvolvimento capitalista, conseqüentemente, pelo latifúndio (Colina, 1997, p.1).

Faço aqui uma incursão sobre os aspectos geográficos da Guiana; a idéia é mostrar como se produzem, então, os processos migratórios no recorte que fiz da fronteira Brasil/Guiana, que se delimita no espaço fronteiro articulado entre as cidades de Boa Vista, Bonfim (Br.) e Lethem (Gy), sobre as quais falo em seguida. O grande *boom* da expansão populacional e de acenos para um possível

desenvolvimento veio, segundo Rodrigues (1996), com o incentivo à migração, com projetos de assentamentos e de colonização agrícola implantados a partir de 1970, com os vários momentos de intensificação do garimpo como atividade econômica nos anos 1980 e com a criação do Estado de Roraima em 1988.

## **5. Considerações Finais**

No que vimos nesse artigo, num contexto universal, ampliado pela padronização sócio-cultural e do modo de produção vigente, faz nos questionar a respeito da educação brasileira: seu espaço, papel e significado. Dessa forma, com uma grande preocupação para a sociedade no que se refere às formas de construção de estratégias mais adequadas para que possamos desenvolver potencialidades, frente aos impactos sócio-culturais, de novas tecnologias, costumes e concepções no mundo, sem desconsiderar sua história e identidade.

Reconhecer o papel fundamental da educação numa sociedade cada vez mais padronizada como a nossa, no qual, o contexto cultural é o da Globalização, é reconhecer que a educação seja intercultural e que contribua para afirmar nossos valores culturais e, a partir disso, possa dialogar e assimilar o conhecimento universal.

Em outras palavras, o projeto educativo que defendemos perpassa pela proposta da educação de fronteira, reconhecendo suas singularidades, acreditando que esta educação ressignifica a vida, a cultura, o trabalho e a dignidade.

## **6. Referências Bibliográficas**

**CARDOSO DE OLIVEIRA**, Roberto. "**Os (dês) caminhos da identidade**". Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 15, no. 42, 2000.

**COLINA**, O. R. Guyana em 1969: "**La insurreccion de Rupununi**" <[www.monografia.com](http://www.monografia.com)>, publicado em 1997.

**FERREIRO**, E. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

**RODRIGUES**, F. dos S. "**Garimpando**" a sociedade roraimense: uma análise da conjuntura sociopolítica. Belém, 1996.

**MARTINS**, José de Souza. **A Racialização do Estado e do Conflito**. São Paulo, SP, Caderno Aliás, Estadão - 2009.

**MOREIRA**, A. F. (2007) **Conhecimento Escolar: questões de seleção, de relações e de fronteiras: debatendo com Michael Young**. Texto apresentado em seminário realizado no Departamento de Educação da PUCRio.

**VELHO**, G. (2004). **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.